

CARLOS A. BROCHADO DE ALMEIDA

A Cabeça do Guerreiro Galaico da Citânia de Roriz/Oliveira

(Barcelos)

Separata da «Barcellos-Revista»



BARCELOS
1983

)
3.2"638"(469.12)(
LM

à Zishotica
de Barcelos
Carls

«BARCELLOS-REVISTA», 1 (2) 1983, pp. 81-90

A Cabeça do Guerreiro Galaico da Citânia de Roriz/Oliveira

(Barcelos)

CARLOS A. BROCHADO DE ALMEIDA

A citânia de Roriz ou de Oliveira, como também é conhecida, situa-se na serra do mesmo nome, que das imediações de S. Martinho de Galegos se estende para norte até S. Martinho de Escariz. O alto do Facho (1) (cota 324) é sem dúvida o seu ponto mais alto e também aquele que melhores condições e soluções apresentava aos povos da Idade do Ferro para aí instalarem um dos seus muitos povoados (Fig. 1).

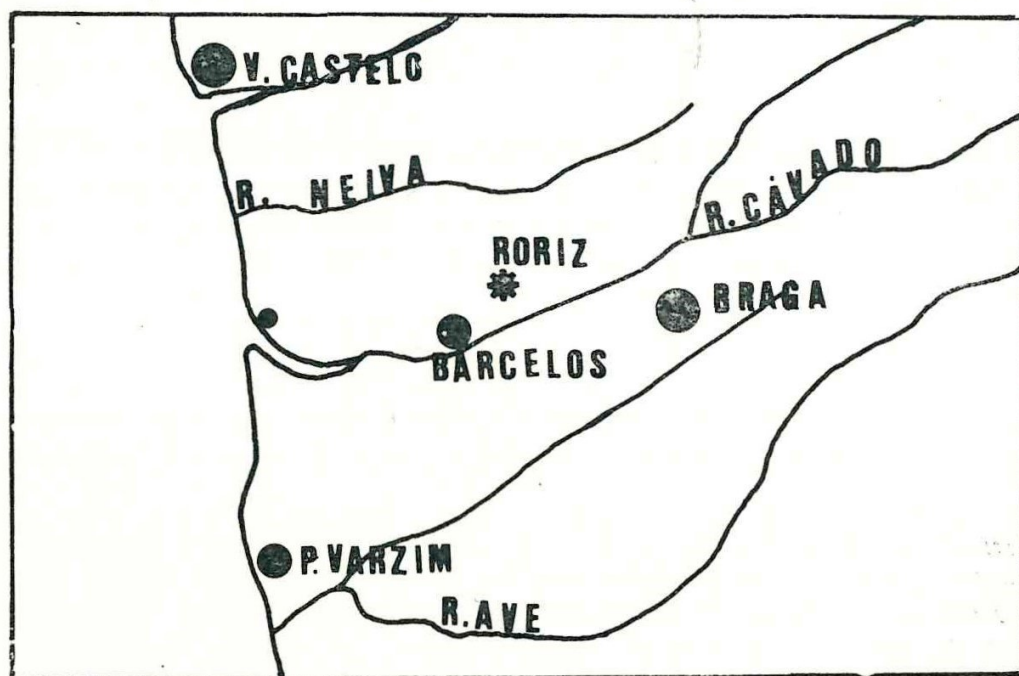


FIG. 1 —

(1) A denominação de Facho vem-lhe do facto de aí ter havido um, ainda em funcionamento em 1828. O nome, mais corrente entre as populações locais, é *citânia do monte do Facho*.

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 55015

Barcelos

E não restam dúvidas que construíram uma grande povoação a qual se estende por uma área considerável, só igualada em tamanho por habitats como o Castro Seco (Vilar das Almas — Ponte de Lima), Castelo de Faria, Briteiros, Sanfins ou Mozinho.

São três as muralhas visíveis, mas é possível que outras tivesse, pelo menos na vertente ocidental, a de mais suave pendor. Mas só futuras escavações o poderão demonstrar (Fig. 2).

As sucessivas violações a que tem estado sujeita (2), principalmente na acrópole (3) e áreas circundantes, puseram a descoberto um conjunto de arruamentos, habitações e espólio característicos dos alvares da romanização. A abundância de cerâmica deste período e sinais evidentes em alguns dos edifícios e muralhas apontam para uma grande vitalidade do povoado, pelo menos, no início da romanização. Mas a seriação cronológica é bem mais lata. A presença de cerâmicas de tradição da «Cultura de Alpiarça» (4) permitem-nos, embora com reservas, imaginar a ocupação do cabeço por volta do século V/IV a. C., senão mesmo antes. Quanto à extinção é bem mais difícil prognosticar por faltarem elementos de análise. No entanto, a descoberta de dois pequenos bronzes de Constantino e a existência de cerâmica comum com as características das imperiais tardias, fazem pensar que, pelo menos, no século IV ainda o povoado era ocupado (5). Em que extensão e condições é que não sabemos.

Foi no verão de 1978, que tivemos conhecimento de que na casa do Sr. Aires Gonçalves de Sá, da freguesia de Oliveira, havia uma cabeça de homem esculpida em pedra.

Em presença do achado e após sumária análise, fácil foi de concluir que se tratava de uma escultura castreja, com fortes possibilidades de pertencer à família dos guerreiros galaicos.

Apareceu entre a 1.^a e a 2.^a muralha, bastante perto do caminho vicinal que liga a citânia à freguesia de Oliveira, enterrada a pequena profundidade. Das condições de jazida, apenas sabemos que, quando da sua descoberta em 1974, o seu achador procurou afanosamente as demais partes do corpo, só que as não encontrou.

(2) Sobre este povoado aconselhamos a consulta das seguintes obras:

Teotónio da Fonseca, *O Concelho de Barcelos, Aquém e Além Cávado*, Vol. I, Barcelos, 1948, pág. 69.

Abel Gomes da Costa, Abílio Mariz de Faria, José da Silva Carvalho: *Sondagens Arqueológicas no Concelho de Barcelos — Abade de Neiva, Faria e Roriz*, in Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular, Vol. II, Guimarães, pág. 23-28.

(3) Aqui se construiu em 1942 uma capela sob a invocação de N. S.^a do Facho.

(4) C. A. Brochado de Almeida, Maria Teresa C. M. Soeiro: *Sondagens nos Castros de Abade de Neiva e Roriz (Barcelos, 1978)*, in Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular, Vol. II, Guimarães, 1980, 29-36. Aproveitamos a oportunidade para corrigir o que, por lapso, não se fez na revisão de provas. Assim onde se lê tipo 80c e 70c, dever-se-á ler 8c e 7c de Alpiarça.

(5) Cerâmicas tardo-romanas em povoados castrejos são um facto. A título de exemplo, referiremos que materiais do século V ou mesmo do VI estão presentes em povoados da região, caso do Castelo de Faria, Castelo da Ermida (Ponte de Lima) ou Castro Seco.

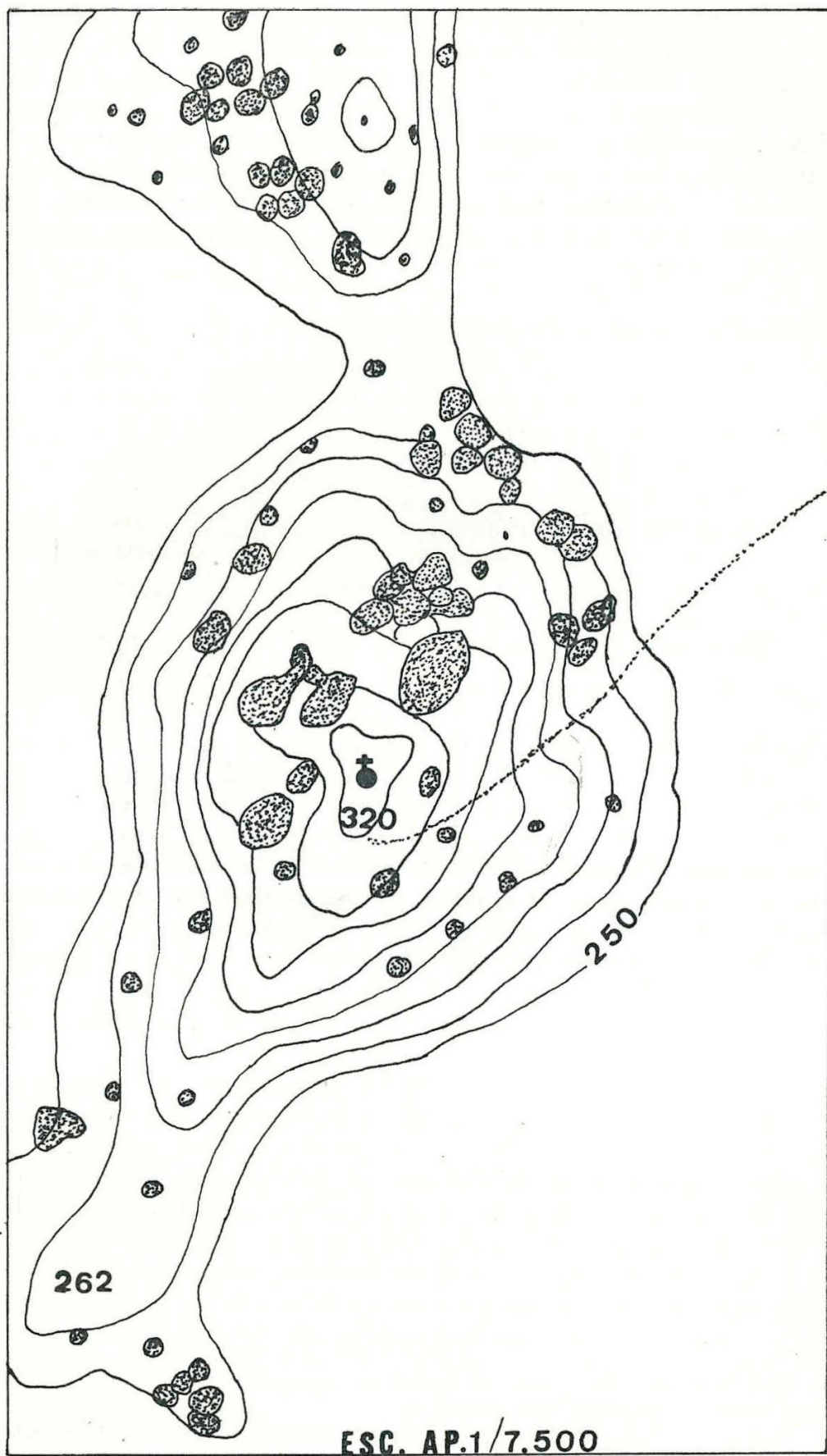


FIG. 2— As muralhas correspondem às três curvas de nível de cota mais alta.

Elaborada num bloco de granito de grão grosso ⁽⁶⁾, muito abundante na região, apresenta algumas alterações resultantes da erosão e mais recentemente, praticadas pelo achador que pretendeu introduzir algumas inovações na primitiva fisionomia ⁽⁷⁾. Felizmente que os efeitos do pico incidiram mais sobre a face direita, alterando o traçado da vista, esculpindo uma nova orelha, avivando a linha que separa o bigode da face e afundando a boca. A friabilidade do material ajudou, como anteriormente facilitara o decepar da cabeça pela parte superior do pescoço e consequente destruição do queixo e lábio inferior.

As medidas são as seguintes:

— Altura	0,30 m
— Altura até à boca	0,26 m
— Largura (pelas orelhas)	0,24 m
— Largura (pela boca)	0,18 m
— Altura do nariz	0,10 m
— Altura da orelha esquerda	0,06 m
— Largura da orelha esquerda	0,04 m
— Comprimento do olho esquerdo	0,05 m
— Largura do olho esquerdo	0,023 m
— Profundidade do buraco	0,065 m
— Diâmetro do buraco	0,06 m

A superfície da cabeça não se apresenta uniforme. Enquanto a parte superior direita da testa se pode considerar normal, a esquerda possui um pronunciado desfasamento, bem nítido na arcada supraciliar. O responsável pela assimetria é, sem dúvida, o buraco existente na calota. A sua abertura alterou o equilíbrio inicial que se aproximaria da calota esférica. A parte posterior do crâneo, essa foi cortada quase na vertical. A irregularidade é pois devida mais à imperfeição da execução, do que a causas exteriores.

Das orelhas, só a esquerda se pode considerar fidedigna. É um simples apontamento. A direita, alongada, puxada para o malar e em assimetria com a esquerda, foi, em parte, feita pelo Sr. Aires, quando entendeu efectuar as alterações.

Os olhos também sofreram os efeitos renovadores. O mais atingido foi o direito que, para além do avivado geral, sofreu também um enviesamento, o que o coloca em dissonância com o esquerdo. Este, o menos retocado, é o que mais se aproxima do modelo inicial, já que só lhe foi avivado o traço que assinala o globo ocular. A cavidade orbital, de forma oval irregular, alberga um olho cavado. A pupila, simples traço rectilíneo e fino, reflecte, quanto a nós, a imagem de um rosto de pálpebras semicerradas. As sobrancelhas, essas acompanham mais ou menos fielmente a arcatura orbital. A

⁽⁶⁾ Este tipo de pedra, também conhecida por «dente de cavalo» é muito friável e portanto sujeita a grandes desgastes.

⁽⁷⁾ Segundo o achador, os retoques feitos tinham por finalidade tornar a estátua parecida com o Sr. General António de Spínola, primeiro Presidente da República após o 25 de Abril de 1974.

esquerda, de traço levemente afluído, pode-se considerar intacta. A direita, de sulco bem mais vivo, é o resultado dos recentes retoques.

O nariz, linear mas com a aleta direita levemente danificada, é um dos componentes do rosto em maior evidência. Para isso contribuiu, não só, o modo como o artista modelou a massa nasal, mas e sobretudo, como encaixou a feitura dos malaras. É que ao contrário dos cânones tradicionais, ao dar-lhe a forma côncava, faz automaticamente sobressair a massa nasal e presenteou-o com o ar de gigantismo que na realidade não tem.



FIG. 3 — *Cabeça de guerreiro de Roriz/Oliveira.*

O cavamento dos malaras, além de projectar o nariz, destaca de igual modo a boca e, em especial, o farto bigode cujas guias descem até à zona do queixo (Figs. 3 e 4).

Olhando atentamente o rosto sereno e grave desta personagem, fica-nos a impressão de que o artista pretendeu representar, não uma face glabra ⁽⁸⁾,

(8) Pierre Paris: *Statues Lusitaniennes de Style Primitif*, in *Archeólogo Português*, Vol. VIII, 1903, pág. 6, é de opinião que os guerreiros de Lesenho (Montalegre), para além do bigode, possuem barba. O mesmo pensa para o guerreiro de Sanfins, Afonso do Paço, *Citânia de Sanfins VIII. Fragmentos de Estátuas de Guerreiros Galaicos*, Sep. de Brotéria, Vol. 86, 1968. Se a linha definida dos queixais e a inexistência de bigode pode sugerir a presença de barba nos bustos de Sanfins ou Rubiás, nas de Lesenho ou Roriz não nos parece tão líquida tal suposição, dada a existência de um expressivo bigode, que afasta, em princípio, a possibilidade de haver barba.

mas um rosto, onde a barba estaria, pelo menos, aparada. É a sensação que dá a disposição do bigode e do leve traço que o separa, bem visível junto ao nariz e na zona do queixo.

A boca conserva as características iniciais, independentemente do afundamento recente.

Do lábio inferior e queixo nada sabemos para além da fractura demasiado evidente. Esta, que não é recente e deve remontar ao período da destruição do conjunto, roubou não só a hipótese de uma análise sectorial, mas e sobretudo, a possibilidade de uma visão de conjunto a qual nos daria uma imagem bem mais consentânea com a realidade.

*
* *

A cabeça da citânia de Roriz enquadra-se bem na produção escultórica castreja. Analizadas as diversas esculturas desta cultura, fácil foi o seu enquadramento. É certo que há detalhes, como os malares, que fogem aos cânones estabelecidos, mas observando bem a já numerosa produção castreja, detectam-se nesta algumas diferenciações tipológicas, provindas quase sempre, de diferentes concepções plásticas.

Se para o cavado dos malares ainda não conseguimos encontrar correspondência, o mesmo não sucede em relação aos olhos, com afinidades no ídolo de Calheiros ⁽⁹⁾ e na cabeça de S. Mamede Ocastro ⁽¹⁰⁾. O bigode, um dos mais sugestivos elementos do conjunto, é análogo ao dos guerreiros de Lesenho (Montalegre) ⁽¹¹⁾. A forma da boca é comum a um razoável número de outros exemplares, tais como a cabeça de Narla ⁽¹²⁾ ou a do guerreiro de Vilarelhos ⁽¹³⁾.

Dificuldades, quanto à atribuição funcional, têmolas em relação ao buraco existente no lado direito do crâneo. Atribuir-lhe fins rituais, como parece ser o caso das estátuas de Paderne e Caurel ⁽¹⁴⁾ seria ideia agradável de equacionar se as várias premissas se harmonizassem. Mas não. Enquanto naquelas os buracos não passam de simples *covinhas* pouca profundas e ocupando o centro da cabeça, na de Roriz, a profundidade atinge os 65 cm e a circularidade do orifício explica-se melhor se for destinada a uma vara, talvez de madeira ⁽¹⁵⁾. De qualquer modo, tudo parece indicar que a presente

⁽⁹⁾ Carlos Alberto Ferreira de Almeida: *Uma Escultura Castreja de Calheiros — Ponte de Lima*, in Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia, Coimbra, 19.

⁽¹⁰⁾ F. Bouza Brey: *La Cabeza Celta de O Castro (Silleda)*, in Cuadernos de E. G., Vol. XVIII, 1951, pág. 33 e ss.

⁽¹¹⁾ J. Leite de Vasconcelos: *Religiões da Lusitânia*, Vol. III, Lisboa, 1910, pág. 47-48.

⁽¹²⁾ A. Blanco Freijeiro: *Cabeza de un Castro de Narla — Notas sobre el Tema de la Cabeza Humana en el Arte Céltico*, in C. E. G., Vol. XXXIV, 1956, pág. 159-180.

⁽¹³⁾ J. R. dos Santos Júnior: *A Estação Arqueológica de Vilarelhos e a Cabeça de Guerreiro Lusitano*, in T. A. E., Vol. XXIII, 1968, páginas 345-351.

⁽¹⁴⁾ C. García Martínez: *Unha Escultura Galaica Bifronte*, in C. E. G., Vol. XXIV, 1969, pág. 14-22.

⁽¹⁵⁾ Não se encontraram sinais de ferrugem ou de qualquer outro metal.

assimetria é resultante de alterações posteriormente introduzidas na calota e de que esta, na sua forma original, estaria liberta de qualquer tipo de trepanação (Fig. 4).

Tematicamente pode enquadrar-se em dois dos grupos da escultura antropomorfa castreja: «cabeças cortadas» ou guerreiros.

Em favor do primeiro, estariam as pálpebras semicerradas e o desbaste da parte posterior da cabeça. Se o baixar daquelas pode sugerir o facies de um inimigo abatido, o desbaste, embora fruste, podia ser a solução óptima

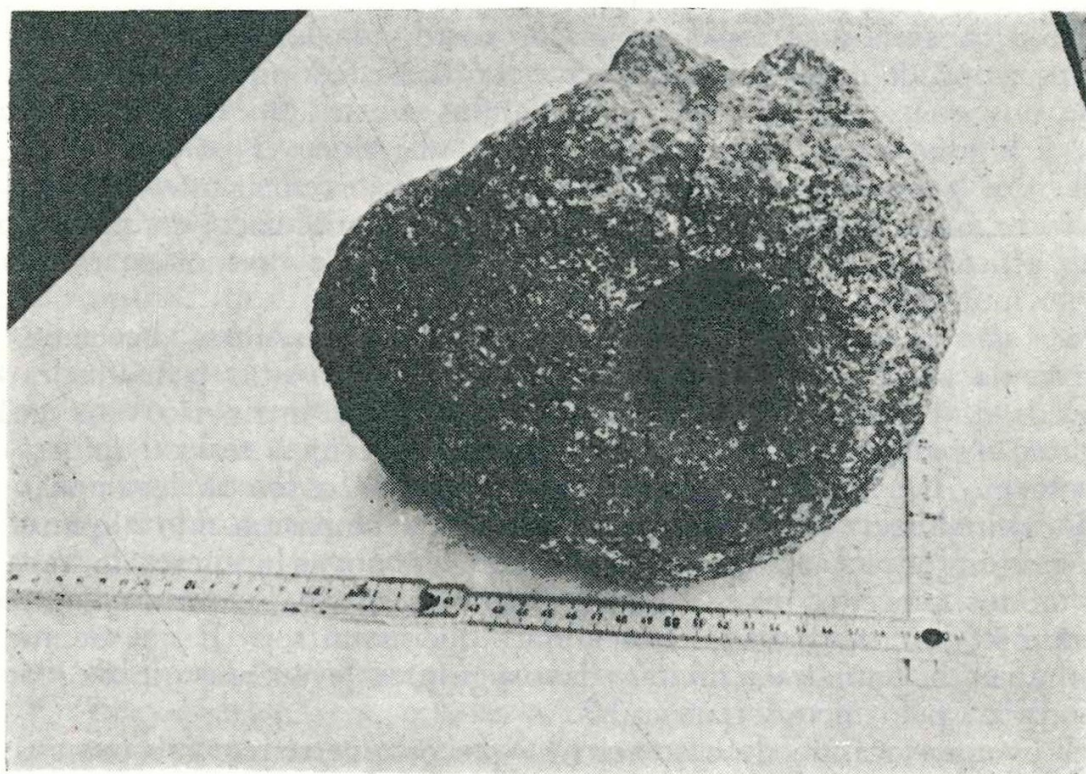


FIG. 4 — *Buraco existente na parte superior do crâneo.*

para se encostar a cabeça a uma parede. Mas o porte magestoso e o magnetismo que o rosto irradia coloca-a mais em consonância com as congéneres guerreiras, apesar da dificuldade em distinguir, por vezes, umas das outras ⁽¹⁶⁾.

São 24 as estátuas de guerreiros galaicos conhecidas na área castreja. Destas, 19 situam-se no actual território português.

Raras são as que se podem considerar completas pois que, na grande maioria dos casos, devido a vicissitudes várias, caíram ou foram destruídas, fragmentando-se em vários pedaços. O seccionamento deu-se pelas partes mais frágeis, isto é, pelo pescoço ou pelas pernas. Para isso contribuiu e muito, a matéria-prima utilizada, o granito, quase sempre de fraca qualidade e por isso mesmo pouco resistente a agentes colizadores e muito menos à acção intempestiva da natureza ou de povos em ebulição.

⁽¹⁶⁾ É difícil de distinguir, principalmente, quando a cabeça aparece desprovida de atributos militares como o capacete.

Guerreiros mais ou menos intactos e com cabeça podemos apontar os de Lesenho (Montalegre) ⁽¹⁷⁾ e o de Capeludos (Vila Pouca de Aguiar) ⁽¹⁸⁾. Os demais ou as não têm ⁽¹⁹⁾ ou o que resta deles é somente a cabeça. Estão neste caso, as de Sanfins ⁽²⁰⁾, Vilarelhos (Alfândega da Fé) ⁽²¹⁾, Roriz (Barcelos), Castro do Rio e Rubiás (Galiza) ⁽²²⁾ e, mais hipoteticamente, uma procedente da Guarda ⁽²³⁾.

Também nas cabeças podemos procurar afinidades tipológicas, embora estas, por deficiências várias, não sejam suficientes para definirem possíveis agrupamentos por áreas geográficas como adverte a observação do binómio estrutura física/equipamento militar.

São o capacete e as zonas pilosas do rosto, aqueles que melhor se ajustam a este tipo de comentário. Capacetes cónicos, redondos ou «tipo Marte» vêm-se nos guerreiros de Capeludos, Sanfins, Castro do Rio e Vilarelhos; barbas e bigodes nos de Roriz, Lesenho e Vilarelhos. Tipologicamente, os bigodes dos guerreiros de Roriz e de Lesenho são semelhantes. O local do seu achado é que é diferente e distante. Portanto que dizer: esculpidos pelo mesmo artista, neste caso itinerante, ou o reflexo de uma moda muito em voga no mundo castrejo de então?

Mas não são verdadeiramente os pontos concordantes detectados no conjunto da produção castreja e habilmente aproveitados por aqueles que defendem uma produção itinerante e por aqueles que mais não vêm senão a transposição para o granito do rosto do chefe guerreiro real ou mítico, que no momento nos capta a atenção. São perguntas como as levantadas por Ferreira de Almeida ⁽²⁴⁾ e Tranoy ⁽²⁵⁾ que, reedimensionando algumas das questões até agora levantadas, acabam por sugerir novas hipóteses de trabalho.

Um dos aspectos mais debatidos, por quem tem estudado a estuária castreja, é o da cronologia. E não admira que assim seja. É que definido o enquadramento temporal, muitas das sugestões levantadas ficarão, senão solucionadas, pelo menos clarificadas.

Já tivemos ocasião de escrever ⁽²⁶⁾ que os guerreiros galaicos são um produto saído das oficinas dos artífices castrejos dos inícios da romanização.

⁽¹⁷⁾ F. Martins Sarmiento: *Estátuas Militares no Jardim Botânico de Ajuda*, Ocidente, 1886, pág. 246-248.

⁽¹⁸⁾ J. L. de Vasconcelos: *Estátua de Guerreiro Lusitano*, in *Archeólogo Português*, Vol. VII, 1902, pág. 23-26.

⁽¹⁹⁾ As cabeças dos guerreiros de S. Paio de Meixedo (Viana do Castelo) e de Refojos de Basto (Cabeceiras de Basto) são de feitura moderna, nada tendo a ver com o corpo em que se encontram inseridas.

⁽²⁰⁾ Afonso do Paço, *Citânia de Sanfins*, VIII — *Fragmentos de Estátuas de Guerreiros Galaicos*, Sep. de Britéria, Vol. 86, 1968.

⁽²¹⁾ J. R. dos Santos Júnior, *op. cit.*

⁽²²⁾ F. Conde Valvis: *Un Busto Céltico*, Vigo, 1959.

F. Cuevillas, J. Lonrenzo Fernandez: *Sobre a Arqueologia do Território de Querquernos*, in *Rev. de Guimarães*, Vol. XLVIII, 1938, páginas 120 e ss.

⁽²³⁾ A. Vasco: *Cabeça de Guerreiro Lusitano da Guarda* (Portugal), in *Zephirus*, T. IX.

⁽²⁴⁾ Carlos A. Ferreira de Almeida, in *Arqueologia*, Vol. V, Porto, 1982, pág. 82-84.

⁽²⁵⁾ A. Tranoy, *La Galicie Romaine*, Paris, 1981, pág. 327.

⁽²⁶⁾ Carlos A. Brochado de Almeida, *Uma Escultura Antropomorfa da Citânia de Roriz* (Barcelos), in *Cadernos de Estudios Gallegos*, T. XXXII, Santiago de Compostela, 1981, pág. 473.

Se dúvidas ainda houvesse, estas teriam desaparecido com a publicação da inscrição do escudo do guerreiro de Santa Comba ⁽²⁷⁾.

Mas tão importantes como as inscrições que alguns deles patenteiam ou a análise estilística que, apontando para influências romanas ⁽²⁸⁾, parece obedecer a uma técnica de tradição local ⁽²⁹⁾, é o contexto em que estes guerreiros aparecem inseridos.

Sabemos que todas se situam na área do Conventus Bracaraugustanus, mas não é fácil atribuir, com segurança, pelo menos a alguns, um povoado de origem. Outros, casos de Roriz, Sanfins, Mozinho, Meixedo, Cendufe e St.^a Comba, aparecem em habitats bem definidos e bem romanizados.

Parece também não ser obra do acaso que estes guerreiros, salvo algumas excepções, apareçam em habitats de razoáveis dimensões, senão mesmo dos maiores existentes no mundo castrejo.

É também a povoados deste tipo, grande área ocupacional e evidente influência romana, que estão ligados os chamados monumentos com forno. Estes como equipamento social que o são, chegam ao noroeste através dos contactos com o mundo mediterrânico e são, no fundo, o reflexo do sistema termal romano, idealizado e adaptado às características locais.

Sabemos também que a densidade de ocupação do solo, na Idade do Ferro do Noroeste, não é uniforme. A tendência multissecular é que as zonas ribeirinhas do mar e dos rios tenham um maior índice ocupacional. Ora se analisarmos bem as regiões em causa, constatamos que os grandes povoados como Sanfins, Mozinho, Briteiros, Faria, Roriz, Castro Seco, para não referir outros, se encontram distantes entre si e rodeados de um conjunto variável de habitats mais pequenos. Fica-nos a impressão de que tais povoados exerceriam a sua influência sobre determinado território, aglutinando assim, através de laços de parentesco ou de simples *vassalagem*, um determinado número de povoados de menor índice económico e capacidade demográfica ⁽³⁰⁾. Não é defensável, quanto a nós, que povoados minúsculos, com uma escassa dezena de casas, tivessem autonomia política para escolherem, por exemplo, o seu sistema de alianças.

Sabemos que o território estava dividido, em zonas de influência, aceites tacitamente ou não, pelos vários povos que compunham o aro castrejo ⁽³¹⁾.

⁽²⁷⁾ Carlos A. Ferreira de Almeida, *Nova Estátua de Guerreiro Galaico-Minhoto (Refojos de Basto)*, in *Arqueologia*, Vol. III, Porto, 1981.

Armando Coelho F. da Silva, *Novos Dados Sobre a Organização Social Castreja*, in *Arqueologia*, Vol. V, Porto, 1982, págs. 80-82.

⁽²⁸⁾ Influências romanas nota-as Carlos A. Ferreira de Almeida, *Arqueologia*, Vol. V, pág. 83 na espada desembainhada do guerreiro de Santa Comba e A. Tranoy, *op. cit.*, pág. 113 no reticulado do saio do guerreiro de Cendufe que lembra a *Lorica Squamata* dos romanos.

⁽²⁹⁾ Carlos A. Ferreira de Almeida, *Arqueologia*, V, pág. 83.

⁽³⁰⁾ A escassez de documentação e de escavações torna esta hipótese demasiado vulnerável. No entanto há que investigar e principalmente fazer-se uma cobertura total dos povoados castrejos. Só assim poderemos avançar do campo das hipóteses para o da realidade.

⁽³¹⁾ Segundo Plínio (III, 28) o conventus bracaraugustanus era ocupado por 24 povos.

Por isso é natural que dentro de cada povo houvesse graduações, possivelmente expressas na extensão, equipamento social e riqueza material.

Uma organização deste tipo obriga a levantar o problema das Chefias. Não nos restam dúvidas que os nossos guerreiros, apesar de todo o belicismo de que estão revestidos, aparentam mais o ar de quem está investido em funções de mando do que propriamente de chefia militar.

As feições graves e ponderadas, o porte majestoso e principalmente a maturidade física que algumas destas estátuas sugerem, colocam-no, quanto a nós, no domínio da representação mental do CHEFE ainda não suficientemente individualizado para *merecer* a retratação das próprias feições como sucedia entre os romanos conquistadores.

Estaremos então perante representações de personagens que foram Chefes das povoações onde apareceram e que viveram nos primeiros tempos da romanização? A ser assim, ganharia corpo a hipótese de Tranoy ao sugerir que o guerreiro de S. Paio de Meixedo seria um chefe local que teria colaborado com L. Sestivs Qvirinalis entre 22 e 19 a. C. ⁽³²⁾. Não nos espantaria que tal acontecesse. A zona do Conventus Bracaraugustanus já estava dominada por esta altura e foi mesmo um importante ponto de apoio ao exército romano comandado por P. Carisivs ⁽³³⁾ nos seus ataques ocidentais aos irredutíveis Ástures e Cántabros. Daí que, seja perfeitamente admissível admitir, que chefes locais, cedo tenham optado pelo campo romano quer pela guerra em si quer pelos despojos em perspectiva e tenham efectivamente colaborado com as tropas romanas nas várias campanhas que estes empreenderam no norte da península ⁽³⁴⁾.

O contacto com o mundo romano deixou cedo as suas marcas. A ajuntar às influências chegadas por via marítima ⁽³⁵⁾, outras se acumularam por influxo, quase certo, destes possíveis colaboracionistas que, numa ânsia legítima de se guindarem dentro da nova escala social, estimularam a aculturação das suas próprias populações. E dados não faltam. Basta recordar as influências romanas na estatuária, que quanto a nós tem a sua máxima expressão no *capacete tipo Marte* do guerreiro de Vilarelhos e a romanização, a vários níveis, de alguns destes povoados, nos alvares do século I ⁽³⁶⁾.

⁽³²⁾ A. Tranoy, *op. cit.*, pág. 327.

⁽³³⁾ A. Tranoy, *op. cit.*, pág. 327.

⁽³⁴⁾ A hipótese é aliciante, mas falta-lhe o suporte documental.

⁽³⁵⁾ O território da Galécia, banhado pelo mar e semeado de rios e rias navegáveis, permitia e facilitava enormemente o contacto comercial.

⁽³⁶⁾ Estão neste caso povoados parcialmente escavados ou seriamente violados como Sanfins, Mozinho, Faria, Roriz e Cidadelhe. Deste povoado e segundo J. A. Almeida, *Diccionario Abreviado de Chorographia*, Vol. I, 1866, pág. 191, veio a, hoje desaparecida, estátua de S. Martinho de Britelo. É um povoado bem romanizado e possivelmente será também desta povoação a ara dedicada a Hércules. Cf. Carlos A. Brochado de Almeida, *Uma Ara a Hércules*, in *Portugália*, Vol. II/III, Porto, 1981/82, pág. 169.

GUERREIROS GALAICOS ACHADOS EM PORTUGAL

LOCALIDADES	LOCAL DO ACHADO	CARACTERÍSTICAS																								
	Castro	Dimensões		Romanizado		Cabeça			Armamento					Equipamento					Descalço	Inscrição	Incompletos	Com cabeça	Só cabeça	Desaparecidos	Duvidosas	
		Grandes	Médias	Sim	Não	Capacete	Barbas / Bigode	Buraco	Torques	Escudo	Punhal	Espada	Parazolium	Braceletes	Saio	Polainas	Cinturão	Botas								
Mozinho (Penafiel)	Mozinho	×		×										×					×		×					
Mozinho (Penafiel)	Mozinho	×		×										×							×					
Lesenho (Montalegre)							×		×	×	×		×	×	×		×				×	×				
Lesenho (Montalegre)							×		×	×	×		×	×	×		×				×	×				
Santa Comba (Cabeceiras de Basto)	Santa Comba		×	×					×	×	×	×	×	×	×	×	×	×		×	×					
Refojos de Basto (Cabeceiras de Basto)										×	×			×	×	×	×				×					
Meixedo (Viana do Castelo)									×	×	×			×	×		×			×	×					
S. Jorge de Vizela									×	×	×			×	×		×				×					
Santo Ovidio (Fafe)	Santo Ovidio		×	×					×	×	×			×	×		×				×					
Cendufe (Arcos de Valdevez)	Cendufe		×	×						×					×		×		×		×					
Capeludos (Vila Pouca de Aguiar)	Monte Castro					×				×	×										×	×				
Roriz (Barcelos)	Citânia Roriz	×		×			×	×													×			×		
Vilarelhos (Alfândega da Fé)	N.ª Senhora Anúncios			×		×	×		×												×			×		
Midões (Barcelos)																									×	
S. Martinho de Britelo (Ponte da Barca)	Cidadelhe		×	×						×															×	
Sanfins (Paços de Ferreira)	Citânia de Sanfins	×		×		×															×					
Sanfins (Paços de Ferreira)	Citânia de Sanfins	×		×																	×					
Guarda																					×			×		×

Nota: Recentemente apareceu mais um guerreiro em S. Julião de Caldelas. O seu achado foi apresentado ao II Colóquio de Arqueologia do Noroeste em Guimarães, pelos Drs. Manuela Martins e Armando Coelho.

biblioteca
municipal
barcelos



55015

A cabeça do guerreiro galaico
da citânia de Roriz/